

APRESENTAÇÃO

A Revista Espaço Livre vem mais uma vez a público apresentar um conjunto de análises sobre determinadas questões que integra a sociedade moderna. A novidade aqui está estampada na originalidade de cada texto, na temática abordada e fundamentalmente na proposição de uma interpretação crítica de determinados aspectos da sociedade atual. A crítica desapiedada do existente, como já apontava Marx, é o ponto de partida para a busca da verdade, para a compreensão real das relações sociais, para a superações das ilusões que a ideologia tende a manter reproduzindo a respeito da realidade, para a luta cultural revolucionária que tem como finalidade contribuir com a abolição do capitalismo e instituição de uma sociedade autogerida pelos produtores, uma sociedade realmente igualitária, pautada pela liberdade.

Esta sociedade, no entanto, só poderá ser efetivada através da luta. Mas não refere-se a uma luta qualquer, trata-se de uma luta que coloca em questão o modo de produção atual, o modo de produção capitalista. É a este que deve a responsabilidade da miséria atual, das relações de exploração, dominação e opressão. Por isso coloca-se a necessidade de sua abolição. Esta negação do modo de produção, no entanto, pressupõe a proposição de outro radicalmente diferente, daí ser necessário se discutir as especificidades do projeto de uma nova sociedade, a autogestão social. Para se chegar a esta, no entanto, é preciso colocar em evidência e esclarecer como deve ser o processo de sua constituição.

E é aqui que a Espaço Livre vem dando a sua singela contribuição. O processo que levará a abolição do capitalismo e instituição da autogestão social é ainda uma incógnita para muitos. A crença em partidos, sindicatos, governo, estado e na arraigada necessidade de dirigentes e dirigidos, em síntese, na burocracia, é o que predomina. Isso demonstra que a ideologia provoca reações adversas. Aos poucos, alguns vão superando-a e passam a buscar conhecer, compreender e divulgar o novo projeto de sociedade que seja distinto desta que está instituída. Outros mantêm-se nos limites da consciência burguesa que defende a necessidades da burocracia (estado, partidos etc.). E é sob este segundo grupo de indivíduos que o capitalismo consegue se manter vivo. Os mantêm submersos em ilusões. Poucos conseguem ver além deste limite que lhes é imposto pela ideologia.

Apesar deste domínio da ideologia, ou seja, da falsa consciência sistematizada, nota-se que permanece viva a esperança em um novo mundo. Por mais que os valores burgueses pululem nas ações da maioria dos indivíduos que integram a sociedade atual, há

concomitantemente a esperança de que a vida pode mudar. De que novas relações sociais possam ser constituídas e finalmente abolir as enfermidades que assombram o mundo. Mas um passo a diante, para além do modo de produção capitalista, só pode ser dado com a certeza de que irá caminhar para além deste, começando por pisar sobre ele e esmagá-lo até que uma nova forma de vida se constitua definitivamente e o destrua em todas as suas manifestações. Mas isso é possível? E como é este processo?

Essas são questões que aparecem logo que começamos a compreender o processo histórico de constituição das sociedades. Notamos que em toda a história humana, as sociedades nascem, desenvolvem e são abolidas, e são abolidas no momento em que não atendem mais aos interesses coletivos. O capitalismo já nasceu doente, atende apenas aos interesses da burguesia e de seus auxiliares, a burocracia. Veio até agora se desenvolvendo dominado por enfermidades, o que tem provocado conseqüentemente, uma patologia generalizada. Esta doença tem como foco o seu modo de produção e de distribuição das riquezas. É fundado em relações de exploração, opressão e dominação, e essas são reproduzidas nas diversas instâncias da sociedade. Não são naturais como o vento, o sol ou qualquer outro elemento da natureza, mas são constituídas pelos seres humanos. Por isso, a responsabilidade por manter ou não esta vida, continua sendo dos próprios seres humanos.

Na sua totalidade, uma parte dos indivíduos que, por serem privilegiados, é o caso da burguesia e da burocracia, partem em defesa da manutenção e reprodução da vida atual. A eles não interessa se outros seres humanos estão sendo explorados e oprimidos para satisfazer suas vontades. O seu interesse é unicamente em manter o seu próprio privilégio. Mas, por outro lado, a maioria da humanidade, é o caso das classes exploradas, oprimidas e dominadas, sofrem diariamente com estas imposições da classe exploradora. O descontentamento com a vida torna-se latente e é manifestada de diversas formas e nos diversos países. Hora ou outra começam a se movimentar de forma coletiva apontando para uma transformação social, mas até agora ainda não conseguiram sair dos limites do modo de produção burguês. É justamente isso que a burguesia e seus auxiliares (a burocracia) deseja, que continue perpetuando a vida onde eles são exploradores e maioria da humanidade explorada.

A luta por uma nova vida começa, portanto, pela crítica às ilusões, pela luta cultural. É preciso superar os valores, a cultura e a consciência burguesa e em seu lugar desenvolver uma consciência que mobilize para a luta, para a busca incessante e incansável pela

liberdade, possível somente em uma sociedade autogerida pelos produtores. É no sentido de se discutir alguns aspectos desta luta pela liberdade que este número da Espaço Livre inicia com um texto inédito de Anton Pannekoek, uma tradução do castelhano para o português realizada por Edmilson Marques. Pannekoek aponta aí uma crítica à burocracia, mais especificamente ao bolchevismo, que ainda continua influenciando muitos militantes, e por conta disso, acabam seguindo caminhos distintos da luta revolucionária.

A importância de Anton Pannekoek na luta cultural é observada por Edmilson Marques no segundo artigo deste número, onde observa que este autor contribui para o que ele chamou de “utopia concreta”. O foco aqui é justamente o de analisar a sociedade futura e a necessidade da luta na sociedade atual para que aquela venha a ser constituída.

Na sequência, Nildo Viana apresenta uma importante reflexão sobre a luta de classes no Brasil. Ele aborda mais detalhadamente o contexto em que o Brasil vem vivendo após a efervescência e intensificação dos conflitos sociais a partir de 2013. O autor busca explicar a dinâmica e as tendências que podem emergir daí. É um contexto em que a burocracia estatal, mais especificamente o governo Dilma, tem uma responsabilidade na constituição da situação atual, questão que é abordada pelo autor.

Esta perspectiva crítica apontada pelos autores anteriores é reforçada no ensaio de André de Melo, cujo foco é uma análise da concepção do intelectual Pierre Bourdieu a respeito do maio de 68 na França. Ele apresenta uma discussão sobre o conceito de Educação em Bourdieu, passando posteriormente por uma abordagem sobre a situação da universidade na França naquele período, e finalmente chega ao tema central que é o maio de 68 na concepção de Bourdieu. É uma excelente análise daquele evento e contribui para avançar para além das ideologias que hoje prevalece sobre este assunto.

Uma análise de um tema que é consequência da dinâmica da luta de classes também acaba aparecendo no texto de Leidiane Almeida. O foco aqui, no entanto, é a relação entre a universidade e o capitalismo. É notório que a universidade oferece uma excelente contribuição ao modo de produção capitalista através da formação de indivíduos que seja integrado na dinâmica da luta de classes. No entanto, são poucos os que ousam fazer esta discussão e revelar que ao invés de buscar a verdade o que faz é criar ilusões. Nesse sentido, esta análise de Leidiane Almeida possibilita compreender alguns aspectos do ensino superior na atualidade.

Já a abordagem que é apresentada no artigo seguinte, de autoria de Edinei Vasco, coloca em evidência a concepção do psicólogo norte-americano Sidney Bijou. A atenção de Edinei Vasco volta-se para uma análise crítica de concepções que buscam se sustentar na ideologia da psicologia escolar. Busca aí, discutir o que a psicologia tem a oferecer para a educação, além de uma análise específica da concepção de Sidney Bijou. É uma importante discussão para aqueles que estão submersos nesta subesfera social.

E para encerrar este número, a Espaço Livre traz a público uma abordagem sobre a cidadania. Os autores do presente texto, Ciro Resende, Janaína da Mata, Vander da Silva e Arthur Castro, apresentam alguns limites que a consciência burguesa impõe na interpretação sobre os fenômenos sociais, mais expressivamente sobre a ideologia da cidadania. É preciso enfatizar que a cidadania é uma invenção burguesa para amortecer a luta de classes. É a expressão da racionalização das relações sociais provocada pela ação estatal e é um limitador da luta revolucionária. Nesse sentido, coloca-se a necessidade de ir além do que se está descrito nos manuais distribuídos pelo estado e revelar o que há por trás desta farsa transvestida de bondade.

Como conclusão à breve apresentação do vigésimo número da Espaço Livre, deixamos aqui um agradecimento ao conjunto dos consultores que fazem a avaliação dos textos que recebemos, pois são eles os principais responsáveis pela qualidade dos números que publicamos. O trabalho em conjunto que é realizado para publicar estas reflexões garante que a crítica seja o ponto essencial de nossas publicações. A crítica deve ser o ponto central, mas a crítica só se manifesta como crítica, se se manifestar como crítica desapiedada do existente. É partido deste princípio que concluímos manifestamos os nossos agradecimentos também a todos que vem contribuindo para a existência deste “Espaço”, que busca insistentemente se manter “Livre” dos limites da consciência burguesa.

*Boa leitura!
Conselho Editorial
Revista Espaço Livre*